

STARCRRAFT®

LEGACY OF THE VOID™



BLIZZARD ENTERTAINMENT

Ascensão

Robert Brooks

Parte um

Alarak deteve-se na trilha ensombrada entre os penhascos negros. Sua pele fervilhava. *Impossível*. Ainda era meio-dia e já havia terrazino no ar.

Ali. No penhasco ocidental. Fiapos de névoa violeta — terrazino — evolavam-se de uma fratura que descia serpenteando a face do penhasco. Um tremor devia ter rompido um bolsão de gás subterrâneo... um bem pequeno. Aquela dádiva não duraria muito tempo. Alarak entrou na névoa de terrazino e ergueu os braços com as palmas para cima, permitindo que o Sopro da Criação o envolvesse.

O gás penetrou sua pele.

Fluiu pelas veias.

Expandiu sua mente.

O gás o deixou mais perto de Amon. O Deus Sombrio.

Alarak sentia a vontade, o propósito frio de Amon, as batidas do seu coração negro sob a pele frágil do universo, um emaranhado cintilante de veias no Vazio pulsando de expectativa. O último golpe contra o ciclo corrompido estava prestes a ser dado. Alarak e o resto dos protoss escolhidos, os Forjados — ou Tal'darim — só precisavam esperar um pouco mais.

"A ascensão é iminente", prometera Amon.

Mas logo a névoa se dissipou na brisa. As ondas de beatitude logo se esvaneceram também.

Não haveria mais terrazino até escurecer. Então o gás preencheria a atmosfera, como acontecia toda noite. Por quê? Era a vontade de Amon. Todos os Tal'darim em Slayn, os importantes e os humildes, ficavam cercados por Sua glória até o sol nascer, quando então o presente se dissipava. Todas as noites, todos os Tal'darim apareciam diante Dele, e eram iguais perante Seus olhos.

Mas não durante o dia. Durante o dia era necessário conquistar posições e tomar lugares. Essa também era a vontade de Amon.

O som de botas pesadas esmagando pedregulhos veio de trás dele. — Mestre Alarak. — Era Ji'nara, sua subordinada, que se aproximava cautelosamente. — Sua presença é requisitada.

Ela era a Quinta Ascendente. Ele era o Quarto, um degrau acima na Hierarquia da Ascensão. Um dia ela tentaria matá-lo.

"Provavelmente não hoje", pensou Alarak. Ele nem se virou para encará-la. — Isso pode esperar — disse. Queria explorar a área em busca de mais bolsões de terrazino. "Se houver mais para sair durante o dia..."

— Não pode, não — respondeu ela. — O Mestre Nuroka me enviou. Ele quer falar com você.

— Muito bem. — Como Quarto Ascendente, Alarak não podia desobedecer ao Primeiro Ascendente Nuroka, assim como não podia desobedecer a Amon. — Ele disse o motivo?

— Ele desafiou o Senhor Supremo Ma'lash para um *Rak'Shir* — disse Ji'nara. — Um deles irá morrer amanhã.

O silêncio se abateu sobre o cânion. Alarak não reagiu, não se mexeu. Ele não podia: era como se todos os seus pensamentos tivessem sido paralisados.

"Não é possível."

Ela estava mentindo? Não. Absolutamente não. Ji'nara era astuta, não irresponsável. Se estivesse mentindo, Alarak a estriparia e deixaria seu cadáver para os zoantiscos famintos. Ela já o vira fazer isso com outros subordinados. Tinha que ser verdade. — Interessante —

foi tudo o que ele disse. Seus outros pensamentos, ele escondeu dela, assim como Ji'nara escondia os seus de Alarak.

— Você sabia?

Finalmente, Alarak se virou para estudar a expressão de Ji'nara. — Sabia — disse ele. Era mentira, claro.

Rak'Shir. Já não ocorria um *Rak'Shir* entre os Tal'darim mais importantes havia meses. Os planos de Amon estavam perto de se concretizar. Quando isso acontecesse, todos os Tal'darim se elevariam em glória na nova ordem de Amon. Desafiar o Senhor Supremo em uma luta até a morte? Era loucura. "Por que Nuroka...?"

Ji'nara o observava com atenção. As próximas palavras de Alarak determinariam se ela participaria do ritual.

Alarak a olhou nos olhos. — Você vai lutar amanhã? — perguntou ele.

— Talvez.

— Isso vai ser interessante. O Senhor Supremo Ma'lash não deixa os desafiantes morrerem rápido — disse Alarak. "Isso deve ser contido." Se muitos ascendentes entrassem na luta — se muitos líderes Tal'darim morressem — o caos poderia retardar os planos de Amon em meses. Ou décadas. Alarak não ganharia nada com aquilo. "Se Ji'nara ficar de fora, ninguém abaixo dela ousará lutar. Não em um *Rak'Shir* tão inesperado." Ele falou com alguma rispidez: — Aprecie o espetáculo. Eu iria detestar matar alguém com a sua competência.

Ji'nara não reagiu. Apenas o leve tremor de seus ombros debaixo da armadura negra traiu seus sentimentos. — Eu compreendo — respondeu ela, fria. E claramente compreendia.

Ji'nara não lutaria no dia seguinte. — O Mestre Nuroka ordena que você vá até os aposentos dele — disse ela.

— Muito bem — disse Alarak, dispensando-a com um gesto ríspido.

Ji'nara saiu sem dizer mais nada, olhando para ele por sobre o ombro. Ela iria comentar aquilo, o que era bom. Alarak queria que os outros acreditassem que ele iria se declarar

combatente. Mas não queria que soubessem do lado de quem. Se os outros ficassem confusos, melhor para ele.

Isso esconderia a confusão que ele próprio sentia.

Alarak saiu do cânion pela mesma trilha estreita que o levara até lá. Não ficava longe do posto avançado dos Tal'darim, mas seria tempo suficiente para pensar.

As perguntas pesavam em sua mente. Quem entraria na luta? Por quem iriam lutar?

E quantos Alarak conseguiria matar?

Parte dois

A vontade de Amon era simples.

"Elevar-se. Mais alto. Cada vez mais alto."

"Ou cair para sempre."

Alarak sempre apreciara a clareza. De Amon descia a Hierarquia da Ascensão, e todos os Tal'darim eram um elo dessa corrente. Obedecia-se aos elos superiores, comandavam-se os inferiores.

Simples.

E quem quiser subir ainda mais alto, o que fazer? Simples: é só desafiar o elo acima. *Rak'Shir*. O mais forte sobreviveria, o elo fraco da Hierarquia seria removido e os Tal'darim ficariam mais poderosos. Simples.

Mas claro que nunca era tão simples. Em questões de vida ou morte, nada era simples. Alarak também apreciava isso.

No *Rak'Shir*, os guerreiros podiam lutar em nome de outros. Muitos outros. Não havia limite. Qualquer número de Tal'darim, de qualquer patente, podia entrar na luta em qualquer lado. Alguns rituais realizaram-se como duelos entre dois combatentes apenas. Outros tiveram milhares de aliados de cada lado. Depois que os mortos eram contabilizados nas lutas maiores, viam-se as enormes lacunas deixadas na Hierarquia. Era possível às vezes subir cinco, dez, cem degraus. De fato, fora assim que Alarak ascendera tão rápido. Mesmo os escolhidos de Amon ainda eram suscetíveis ao orgulho e à vaidade. Com o incentivo certo, Alarak convencera muitos ascendentes acima dele na Hierarquia a entrar num *Rak'Shir* com confiança. Todos descobriram tarde demais que ele os enviara para a morte em lutas desiguais.

A preparação para os desafios em geral demorava certo tempo. Era preciso sair na frente. Meses decorriam plenos de tensão e politicagem, em que os dois lados alistavam quantos aliados conseguiam.

Mas não hoje. Não havia tempo.

Alarak sentiu um calafrio. Seria aquele o plano de Nuroka? Tinha que ser. Ele tinha uma mente estratégica. Fazia apenas um mês, demolira o posto avançado da Supremacia Terrana em um sistema próximo, explorando as falhas na defesa tão depressa que os humanos não conseguiram enviar um único pedido de socorro antes de as lâminas dos Tal'darim abrirem suas gargantas.

Era a mesma tática de agora. Um ataque por onde o inimigo não esperava.

"O alvo sou eu", compreendeu Alarak. Seu superior direto, o Terceiro Ascendente Zenish, era um brutamontes sem senso de manobra. Acima dele estava a Segunda Ascendente Guraj. Sua astúcia era um espanto, mas ela não buscava aliados. Preferia envenenar as mentes das facções rivais, deixando que apodrecessem por dentro e se atracassem umas às outras. Mas ali, no topo da Hierarquia, havia poucas facções a corromper, apenas ambições individuais.

Entre os ascendentes, apenas Alarak era conhecido por aliciar e manipular aliados. Todos os outros com esse pendor já tinham morrido. Ele se encarregara disso.

O caminho que cortava o cânion estreito terminou, e o cascalho branco sob as botas de Alarak deu lugar a rocha sólida, escurecida por séculos de fuligem e sujeira. Já fazia séculos que as últimas florestas de Slayn tinham sufocado sob a bruma noturna de terrazino (um pequeno preço a pagar pela bênção do Sopro da Criação, pensava Alarak). Diante dele se erguiam os prédios dos Tal'darim, ousados e fortes, uma evidência da sua prontidão para a guerra, bem diferentes dos monumentos fúteis dos templários. "Tolos, todos eles", pensou Alarak. Os Tal'darim conheciam o valor da dor. O conflito era a essência da vida. Apenas o ignorante tentava amaciar as coisas com cidadelas brilhantes e uma falsa união.

Em alguns minutos, Alarak chegou à fronteira do posto. Era o começo da tarde. Havia muitos protoss inferiores vagando entre os prédios. Seus pensamentos empolgados produziam um murmúrio contínuo. Para eles, esse *Rak'Shir* não seria nada além de entretenimento. Não falariam de outra coisa até o dia do evento.

Alarak passou no meio deles, que saíram de seu caminho.

Os aposentos do Primeiro Ascendente Nuroka não ficavam longe. A entrada dava para a rua; não havia como se esgueirar lá para dentro. Alarak sabia que seria visto ali e que o fato

seria comentado. "O Segundo e o Terceiro Ascendentes ficarão sabendo desse encontro." Alarak se perguntou se poderia usar isso a seu favor.

Uma onda de calor e umidade envolveu Alarak quando ele entrou. O ambiente imitava o clima do mundo onde Nuroka nascera. O Primeiro Ascendente nunca apreciara o clima seco e árido dali. A porta se fechou. Ele se ajoelhou. Nuroka não estava no recinto, mas estava por perto, e certas formalidades precisavam ser mantidas, mesmo na véspera de um *Rak'Shir*. — Eu obedeço e sirvo — disse Alarak, automaticamente.

— Você está atrasado — disse Nuroka. Ele ainda não chegara aos aposentos, mas sua voz era nítida.

— Perdão, Mestre.

— Você falou com Guraj ou Zenish hoje?

Alarak ignorou um acesso de irritação. "E você, falou?" Era isso o que queria saber de verdade. Já havia algum arranjo estabelecido? Já teria um deles — ou ambos — jurado ficar do lado de Nuroka? Sem essas respostas, Alarak iria entrar às cegas no *Rak'Shir* do dia seguinte. Mas não adiantava perguntar, porque não dava para confiar nas respostas. — Não — foi tudo o que Alarak disse.

Nuroka finalmente entrou na sala. Com a pouca luz entrando pelas janelas pequenas do prédio, Alarak demorou até conseguir entender o que tinha diante de si. O Primeiro Ascendente não estava usando a armadura tradicional dos ascendentes. Ele vestia apenas um simples robe cinzento.

Um robe manchado de sangue fresco.

Alarak se levantou e ativou as lâminas. "Assassinos!" — Quantos atacaram você? Onde estão eles? — "Foram os Nerazim. Tinha que ser. Ou teria sido o Senhor Supremo? Mandar alguém para matar seu desafiante..."

— Eu lhe dei permissão de se levantar, Quarto Ascendente? — Nuroka parecia estar achando graça, não alarmado.

Por um longo instante, apenas as lâminas coruscantes de Alarak se moveram. Então Alarak as desativou e se ajoelhou novamente. Seu coração, que batia acelerado, começou a se acalmar. — Minhas desculpas, Mestre — disse ele com cuidado.

Nuroka o deixou naquela posição por mais tempo do que era necessário. — Você pode se levantar — disse ele, finalmente.

Alarak sentiu a irritação crescendo dentro de si. Ele a manteve lá, enterrada bem fundo, e se levantou sem reclamar. — O que aconteceu, Primeiro Ascendente?

— Eu preciso mandar um recado. — Nuroka dobrou as mangas do robe, expondo a carne dos braços, que sangrava.

— Para quem?

— Para o Senhor Supremo e Amon.

Alarak manteve a expressão neutra. As feridas de Nuroka eram benfeitas: quadrados de pele perfeitos que tinham sido removidos com precisão. Não havia sinal de hesitação nos cortes. "Nuroka fez isso consigo mesmo?" Aquilo explicava muito. Nuroka marcara um *Rak'Shir* tão inesperado assim porque tinha enlouquecido.

— Não. Não enlouqueci — disse Nuroka, frio.

Alarak repreendeu-se. "Esconda seus pensamentos, tolo!" Pelo menos não havia Khala para revelar suas emoções. Alarak não compreendia como os Templários suportavam a existência com o Khala. — Eu não entendo, Mestre. O que você está fazendo?

O sangue de Nuroka pingava continuamente no chão, e as gotas azuis batiam na pedra com estalos altos e úmidos. — Eu quero que tudo se esclareça amanhã. — Um humor sombrio penetrou em suas palavras. — Eu quero que o Senhor Supremo Ma'lash seja revelado, embora ele não vá viver o bastante para sofrer adequadamente por isso. — Ele deixou as mangas caírem de volta, escondendo os braços. — Quando eu era jovem e de patente baixa, inculpi as palavras de Amon em meu corpo. Você fez isso?

— Não.

— Você duvidava Dele?

— Não — repetiu Alarak. Ele nunca vira necessidade, mesmo quando era um simples noviço de patente baixa. Havia outras maneiras de demonstrar sua devoção aos ensinamentos de Amon.

Nuroka passou o dedo pelas mangas nos pontos em que outrora as palavras de Amon tinham sido gravadas em sua pele. — "Sirva-me e reine. No Dia da Ascensão, o ciclo corrompido terminará. No Dia da Ascensão, você se erguerá mais alto que o maior dos mestres." Você se lembra dessas palavras?

— É claro. — E todo o resto. "Elevar-se. Mais alto. Cada vez mais alto..."

Nuroka cravou a mirada nos olhos de Alarak. — Então... por que você acha que eu as removi?

Havia cheiro de heresia no ar. Alarak sabia que estava sendo conduzido nessa direção. — Eu não sei — respondeu ele.

— Porque o Dia da Ascensão que nós esperamos não virá nunca — disse Nuroka. — E é por isso que eu preciso da sua ajuda. Amanhã, eu irei governar os Tal'darim. E quando eu conseguir...

... você vai me ajudar a matar Amon.

Parte três

Alarak se orgulhava do seu autocontrole, sua paciência, seu comedimento. Por isso, surpreendeu-se ao se ver pulando na garganta de Nuroka com as lâminas afiadas acesas.

"O que você está fazendo?", perguntou sua mente.

"Estou matando o traidor!", cantou seu coração.

Era a oportunidade perfeita. Nuroka não estava de armadura nem tinha nenhuma arma que Alarak pudesse ver. Assim, o Quarto Ascendente golpeou com as lâminas para baixo e...

... voou...

... e bateu na parede leste do aposento com um baque de rachar crânios. Ele desabou no chão, mas imediatamente deslizou para uma posição defensiva.

"Tolo!", gritou sua mente.

Seu coração não respondeu dessa vez. Nuroka estava três degraus acima dele na Hierarquia sagrada. Ele não teria chegado ali se não fosse um guerreiro temível. E Alarak acabara de atacar um superior fora do *Rak'Shir*. Aquele era um dos crimes mais sérios entre os Tal'Darim, e era punível com a morte. Uma morte pública, demorada e dolorosa. Ainda assim, Alarak tremia ao resistir à vontade de matar o Primeiro Ascendente por blasfêmia.

Nuroka apenas observava, esperando. Ele não tinha armas. Não precisava delas. Tinha acabado de atirar Alarak no outro lado da sala com as próprias mãos.

Alarak saiu da posição de combate e desativou as lâminas outra vez. — Você enlouqueceu — disse.

— Como você mataria Amon? — perguntou Nuroka.

— Você *enlouqueceu*.

Nuroka deixou passar. — Me diga como você mataria.

— Amon não pode morrer — disse Alarak. "Seu herege lunático", ele quase acrescentou. Mas então um novo pensamento lhe ocorreu. "É um teste." Tinha que ser. Nuroka não

parecia louco. Não. Seus olhos não traíam insanidade. Ele estava simplesmente testando a lealdade de Alarak a Amon de uma forma dramática. Alarak se agarrou àquele pensamento. — Seria mais fácil destruir todas as estrelas da galáxia — disse ele. — Amon nos dá vida. Ele compartilha conosco o Sopro da Criação. O que seria dos Tal'darim sem a liderança dele?

O olhar de Nuroka era frio e inamovível. — Livres. Sem Amon, os Tal'darim seriam *livres*.

— Livre para morrer com os outros hereges. — Os vermes da incerteza coleavam pela mente de Alarak. Ele pressentiu apenas insinceridade em Nuroka. — A não ser que você creia que aquelas marionetes chamadas de Templários podem resistir a Ele. — "Será que ele quer realmente...? Não. É um teste." — E nós seremos livres quando Amon concretizar o plano. Nós seremos nossos próprios mestres. É a promessa de Amon.

O desprezo era evidente na resposta de Nuroka. — Você se lembra dos éditos do *Rak'Shir*? "Derrote os seus mestres ou sucumba aos pés deles"?

— Sim, o que têm eles?

— Essas não foram as palavras de Amon. Ma'lash e os Senhores Supremos que vieram antes dele alteraram as palavras verdadeiras. — Os olhos de Nuroka brilharam, violeta. Cor de terrazino. — Na noite passada, quando veio o Sopro da Criação, eu me afastei demais do véu. Eu vi a verdade.

— Como?

— O Senhor Supremo Ma'lash admitiu uma vez que nem mesmo ele conhecia todos os segredos de Amon. Eu penetrei fundo no Vazio. Eu queria conhecer os pensamentos ocultos de Amon, queria um vislumbre da glória que Ele nos prometeu. — O robe de Nuroka se umedecia de sangue, como se espirrasse raiva. O coração dele devia estar acelerado de tanta fúria. — Eu encontrei mais do que esperava. Amon tinha baixado a guarda. A expectativa da vitória venceu Sua cautela. — Nuroka caminhou lentamente até Alarak. — O que Amon disse na verdade foi: "Derrote os seus mestres, ou erga-se acima deles."

Alarak ficou parado diante de Nuroka. — Isso não quer dizer nada.

— Amon não vê a morte como um fracasso. Ele vê a morte como o ideal mais alto. Eu vi isso em Seu coração. — Os olhos de Nuroka brilharam. — Como ele chamou nossas arenas? "Os Fossos da Ascensão". Ele *zomba* de nós. Amon não celebra os vencedores. Ele saúda os perdedores. São *eles* os que ascendem aos olhos de Amon. Ele nos faz destruir uns aos outros porque esse é o Seu plano para nós.

Alarak não disse nada. Se não fosse um teste, ele precisava ocultar seus pensamentos verdadeiros de Nuroka.

Nuroka pareceu pressenti-los ainda assim. — Você não acredita em mim.

Alarak respondeu com cautela. — Amon é incognoscível. Quando você tocou os pensamentos d'Ele, não foi a verdade que viu. Sua mente interpretou errado.

— Não havia nada para interpretar. Foi tudo claro. A ascensão de Amon é a nossa aniquilação. Ele quer apagar tudo o que os xel'naga criaram. E isso nos inclui. Ele quer ver *tudo* destruído, todos os planetas e estrelas. Esse é o objetivo final d'Ele. E Ma'lash, aquele tolo... ele sabe disso. — Nuroka se aproximou de Alarak. — Você não tocou o coração oculto de Amon. Ainda não. Mas pense no que Ele quer. Um fim para o ciclo. Um fim para a *vida*. Por que nós seríamos poupados disso?

Alarak não tinha resposta para aquilo, então mudou de assunto. — O que Zenish e Guraj disseram a respeito disso?

A raiva transpareceu no rosto de Nuroka e ele se voltou, afastando-se de Alarak. — Eu não disse nada para eles. Eles não têm imaginação. Não como você.

Alarak se esforçou, mas não conseguiu responder com serenidade. — Eu também não sei como matar Amon.

Nuroka se sentou de pernas cruzadas no centro da sala, encarando Alarak outra vez. A irritação do Primeiro Ascendente tinha sido substituída por uma expressão de curiosidade. — Ainda não.

— Nunca — respondeu Alarak.

— O que seria preciso? — insistiu Nuroka. — Se a morte de Amon fosse a chave para a sua sobrevivência, como você faria?

Alarak foi em direção à porta. Já passava da hora de ir embora. — Adeus, Nuroka. Acho que não nos falaremos outra vez. O Senhor Supremo Ma'lash é muito mais forte que você.

— Mais um passo e eu mato você. — Nuroka não moveu um músculo, mas Alarak parou. Havia uma promessa gélida nos olhos do Primeiro Ascendente. — É uma ordem direta. Me diga como você mataria Amon.

Por um instante, Alarak cogitou desobedecer. Nuroka estava desarmado, mas era perigoso. Se a violência começasse, Alarak podia perder. Podia. — Posso me sentar, Mestre? — Haveria tempo no dia seguinte para a matança. Nuroka fez um gesto para o chão e Alarak se sentou diante dele. — Você pede o impossível. Amon é do Vazio. Ele não pode ser morto.

O olhar de Nuroka não vacilou. — Morto. Destruído. Banido. Escolha a palavra que você preferir. Você gostaria de libertar os Tal'darim do jugo de Amon para sempre? Vou esclarecer uma coisa — disse ele, antes que Alarak pudesse responder. — Eu estou falando com você porque sei quem você é de verdade. — Os olhos de Nuroka se apertaram, duas fendas iridescentes. — Eu sei o que você fez há quatro anos. Quando você se tornou um ascendente.

Alarak gelou. Quatro mil combatentes em um único *Rak'Shir*. Oitocentos mortos. Ele mantivera seu envolvimento escondido. Bem escondido. Ele nem tinha participado do ritual. Pelo que sabia, ninguém nem desconfiava de que influenciara o ritual. — Eu não sei do que você está falando.

— Eu também não sabia. Até a noite passada. Amon sabe perfeitamente o que você fez. — Nuroka sorriu sinistramente. — Ele achou divertido. Toda a nossa frota, desbaratada por meses. Os próprios planos de Amon foram atrasados. Ele não se importou. Nem você. Naquele dia você subiu feito um foguete na hierarquia de ascensão. É por isso que é você quem vai responder à minha pergunta. Os Tal'darim veem a Hierarquia como um propósito sagrado. Você a vê como um jogo. Se você chegasse ao topo, não ficaria satisfeito servindo Amon. Como você o derrubaria?

"Eu não conseguiria." Mas a pergunta *era* fascinante. Como hipótese, claro. — Você teria que ir até o Vazio. Se fosse possível matá-Lo, teria que ser lá. — Um lugar onde Amon podia manipular a matéria. Alarak não concebia alguém sobrevivendo três segundos lá sem a bênção d'Ele. — Entende? É impossível.

— Difícil, não impossível — respondeu Nuroka. — Mas você terá tempo para procurar uma solução quando se tornar o Primeiro Ascendente.

Alarak julgava não haver mais espaço para surpresas naquela conversa, mas claramente havia se enganado. — Hein?

— Quando eu vencer o ritual, serei Senhor Supremo. Vou precisar de alguém com os seus instintos para desafiar Amon. Zenish e Guraj não são adequados, por isso você os matará. Se algum deles sobreviver amanhã, você o desafiará. Eu serei seu aliado. Não vai ser difícil.

Alarak demonstrou incredulidade. — Eles podem se aliar contra você amanhã. Se o fizerem, não haverá nada que eu possa fazer. — Só havia três agentes imprevisíveis: Alarak, Zenish e Guraj. Não seria uma luta equilibrada. Se os três entrassem no ritual, um ascendente teria que enfrentar os outros dois. Uma sentença de morte.

— Então faça um trato. Não quero saber como — disse Nuroka. — Convença um deles a se juntar a nós. Você é bom nisso. — O Primeiro Ascendente fechou os olhos, uma expressão de contentamento no rosto. Ele ficou parado numa pose relaxante, começando a meditar em preparação para a luta do dia seguinte. — E se você decidir se abster da luta e eu sobreviver, você morrerá pelas minhas mãos. E será demorado. Entendido, Quarto Ascendente?

— Entendi. — Não havia mais nada a dizer.

— Pode ir.

Alarak partiu.

Uma hora depois, o sol se pôs e o terrazino subiu. Todos os Tal'darim se banharam na glória de Amon e se entregaram ao abandono da expectativa do ritual. Alarak vagueou pela noite pensando. Planejando.

Decidindo.

Parte quatro

A noite passou. O horizonte clareou. O terrazino desapareceu. E então chegou a hora. Milhares de Tal'darim se reuniram nos Fossos da Ascensão, parados em silêncio completo. Esperando.

O campo do ritual era uma área grande o suficiente para abrigar uma frota de Transportadoras. De cada lado da área havia um gigantesco fosso, um abismo onde os derrotados eram arremessados. Os que tombavam no *Rak'Shir* não paravam de cair até chegar ao centro incandescente do planeta, uma jornada que parecia durar uma eternidade.

Alarak chegou pouco antes do alvorecer. O Senhor Supremo Ma'lash levitava um metro acima do chão perto do fosso a leste reunindo poder, o rosto escondido detrás da máscara de aço retorcida, faíscas rubras estalando e se espalhando. O Primeiro Ascendente Nuroka estava sentado perto do fosso a oeste. Ele continuava sem armadura, usando apenas o robe manchado de sangue. Aquilo estava gerando comentários entre os espectadores.

Nem Ma'lash conseguiu se conter e comentou: — Que pena. Estava ansioso para derramar o sangue dele primeiro. — Ele falou alto o suficiente para que suas palavras alcançassem a multidão. — Mas pelo menos o Primeiro Ascendente e eu estamos unidos em nosso desejo de vê-lo sangrar.

Entre os fossos estavam os outros Tal'darim de patente mais alta que Alarak: a Segunda Ascendente Guraj e o Terceiro Ascendente Zenish. Os dois o encaravam. Deviam ter ouvido que Nuroka o havia convocado na noite anterior e se perguntavam se haviam feito algum acerto.

Alarak não olhou nos olhos deles. Voltou-se para os espectadores, cuidando para não se aproximar dos Fossos da Ascensão. Ele viu a Quinta Ascendente Ji'nara e foi para perto dela. Ela pareceu surpresa. — Vai só ficar assistindo? — perguntou ela, ferina. Ele não respondeu.

"Alarak". Era Nuroka. Ele não olhou para Alarak e manteve suas palavras ocultas. Ninguém saberia o que conversavam. "O que você está fazendo?"

Alarak não respondeu.

"Quarto Ascendente." Era uma ordem. "Responda-me".

Alarak não respondeu. Faltavam poucos minutos para a aurora, e ele se estava fora do campo. Guraj e Zenish começaram a compreender. Estavam atônitos. Alarak não ia participar daquele *Rak'Shir*. O grande oportunista Alarak iria deixar seu destino nas mãos dos outros.

Ameaças trovejaram na mente de Nuroka. "Eu avisei o que aconteceria se você me traísse", vociferou ele.

Alarak finalmente respondeu: "Eu não prometi nada. Eu não traí ninguém. Eu não falei com Guraj. Eu não falei com Zenish. Eu não falei com o Senhor Supremo."

"Declare lealdade a mim, Alarak. Agora."

Em resposta àquilo, Alarak se sentou.

A raiva de Nuroka irrompeu. "Você vai se aliar a Amon? Ele nos traiu. Ele quer nos ver mortos. Você é realmente tão tolo que..."

"Eu não sou tolo." Alarak pensou em Guraj e Zenish. "Eles sabem que você falou comigo. E sabem que você não falou com nenhum deles. Então eles juraram se opor aos seus planos. Eu não posso derrotar os dois, Primeiro Ascendente."

"Então agora eu não tenho nenhum aliado."

"Não?" — perguntou Alarak.

Guraj e Zenish estavam se medindo com os olhos. As mãos de Zenish se fecharam em punhos. As pernas de Guraj começaram a assumir uma postura de combate. Lentamente, começaram a se afastar.

Alarak se permitiu um momento de regozijo. Ele estava certo. Eles tinham planejado se aliar contra Nuroka não porque se importavam com o Senhor Supremo, mas porque Nuroka lançara o desafio daquela maneira súbita. Unir-se era a melhor maneira de vencer, seja lá quais fossem os seus planos secretos com Alarak.

Mas agora...

Alarak estava de fora. Seria uma vitória fácil contra Nuroka. Uma vitória fácil que não valeria muita coisa para Guraj e Zenish. Eles subiriam apenas um degrau na Hierarquia sagrada. Nenhum futuro desafiante morreria. Muito insatisfatório.

Foi o Terceiro Ascendente Zenish, o brutamontes, o algoz de Slayn, que firmou o pacto. — Eu fico do lado de Nuroka! — gritou.

Ma'lash grunhiu: — Patético.

Guraj lançou um olhar a Zenish que prometia uma morte lenta. Então ela olhou para Alarak. Ele não se mexeu. Ela precisava decidir rápido. A tradição mandava que todas as declarações deviam ser feitas antes que o *Rak'Shir* começasse, ao alvorecer. Ela parecia hesitante. Podia se abster daquela luta por completo. Podia se unir a Zenish contra Ma'lash para uma vitória fácil. Mas ela era uma ascendente. Ninguém chegava à sua patente sem ambição. E a ambição sempre superava a prudência. Alarak contava com isso.

Hoje, ambição significava eliminar o maior número de ameaças possível. Afinal, um dia Zenish tentaria matá-la.

— Eu declaro lealdade a Ma'lash! — disse ela.

Nuroka não esboçou reação. Ma'lash abriu os braços. — Minha serva leal. Guraj, hoje você será exaltada — disse ele.

O sol assomava no horizonte. Alarak permanecia sentado, e não fez declaração nenhuma.

Nuroka lhe enviou um pensamento vingativo: "Não foi isso o que combinamos."

"Eu não concordei com nada", respondeu Alarak. E então chegou a hora.

O *Rak'Shir* começou.

— Sua heresia acaba hoje — disse o Senhor Supremo Ma'lash, avançando. O Primeiro Ascendente Nuroka ergueu as mãos e os dois combatentes enviaram ondas de energia psiônica na direção um do outro, que colidiram e explodiram em ondas e raios, propagando-se em todas as direções. O chão ao redor deles, pedra e metal escurecido por séculos de fuligem e batalhas sem fim, começou a fumer e rachar. As fileiras de espectadores Tal'darim foram forçadas a recuar do calor.

Apenas Alarak permaneceu onde estava, permitindo que a fumaça o engolfasse. Até Ji'nara recuou. Zenish e Guraj ainda o observavam. Ainda esperavam que ele se juntasse à refrega, que se danasse a tradição. Mas ele não o fez.

Finalmente Zenish se voltou e ativou as lâminas. Pura energia extraída do reino de Amon e afiada em um gume que os antigos mestres diziam ser capaz de partir planetas em dois. As lâminas buscaram a carne de Guraj. Ela aparou o golpe com um gesto.

A luta começara para valer. Desafiante e desafiado disparavam jatos de poder um contra o outro. Guraj e Zenish lutaram ao lado deles. No *Rak'Shir*, os aliados não podiam interferir diretamente no duelo, mas podiam emprestar seu poder psiônico. Por isso os aliados eram necessários — para sobrepujar o oponente. Mesmo agora, com apenas um aliado cada, Nuroka e Ma'lash disparavam rajadas que explodiam a meio caminho e eram mais destrutivos do que qualquer um deles seria sozinho.

Zenish era o campeão mais forte, em força bruta e potencial psiônico. Isso era claro. Seu poder, acrescido ao de Nuroka, forçava o Senhor Supremo Ma'lash a dar um passo de cada vez. A habilidade de Zenish com as lâminas também era impressionante. Seu cotovelo esquerdo bateu na têmpora de Guraj e a lâmina direita rasgou a armadura dela, expondo a pele. Ela recuou com um salto antes que Zenish enfiasse a lâmina. Ele a perseguiu e Guraj lhe deu um chute na cabeça.

Guraj já estava perdendo. Isso também era claro. Ela estava sentindo dor. Zenish a pressionava sem dó. Ele avançou, golpeando com as lâminas na altura dos ombros. Ele queria arrancar a cabeça dela e acabar com tudo naquele instante.

Ao fazer isso, ele deixou o torso desprotegido.

Mesmo ferida e em desvantagem, Guraj era muito, muito rápida. Ela firmou os pés e avançou adiante. Suas duas lâminas perfuraram o peito de Zenish. Ela girou-as e as pontas brilhantes saíram do outro lado. Ele esmoreceu e suas lâminas se apagaram. Guraj o levantou, olhando em seus olhos até a última luz se esvaír. Então atirou o cadáver de Zenish para o lado. Lentamente, voltou para o vórtice rodopiante de energia, sem deixar transparecer dor e fadiga.

E isso foi tudo. Os espectadores tal'darim murmuraram, apreciando o ocorrido. Acabou. Nuroka não tinha mais campeões. O poder de Guraj, somado ao de Ma'lash, era bem maior que o seu. O Primeiro Ascendente foi forçado a recuar, não alguns passos, mas vários saltos.

Nuroka perdera. — Não tema — disse o Senhor Supremo Ma'lash. — Eu lhe darei bastante tempo para se arrepender.

Alarak se levantou. — Não me siga — disse a Ji'nara. Atônita, ela o viu correr para o campo de prova. Todos os olhos da multidão se voltaram para ele. Alarak ligou as lâminas, dois clarões de energia rubra em seus punhos, e sentiu o frêmito de surpresa que perpassou o resto dos Tal'darim.

Era uma tradição declarar sua lealdade antes da batalha, sim, mas era *apenas* uma tradição. Não era uma lei de Amon. Não era sequer uma lei dos Tal'darim. E assim Alarak escolheu ignorá-la.

Guraj sentiu a aproximação dele. Apesar da surpresa, ela ativou as lâminas em posição de defesa. Alarak não desacelerou. Ele usou as lâminas para empurrar as dela e arremeteu com o ombro, atingindo-a com força e derrubando-a. No mesmo instante, ele abriu seu poder psiônico para Nuroka.

O Primeiro Ascendente urrou de prazer e bebeu do poder de Alarak. Agora Nuroka não estava sendo repelido. O equilíbrio de poder era quase completo. "Acabe com ela rápido, Alarak, e eu irei ignorar a sua... criatividade", disse ele em particular.

Guraj estava furiosa. Ela se levantou atabalhoadamente, com as lâminas já ativadas e golpeando. Alarak se esquivou como pôde. Vários golpes acertaram sua pele, causando cortes pequenos. Ele ignorou a dor e se concentrou em se esquivar dos ataques frenéticos.

A raiva dela quase compensava sua exaustão cada vez mais pronunciada. Quase.

Os movimentos de Guraj foram desacelerando. Seu vigor diminuía. Alarak continuou aparando os golpes, ainda na defensiva. Não havia necessidade de forçar uma conclusão rápida.

— Covarde imundo — disse Guraj. Ela sabia como aquilo ia terminar, mas não cedeu.

Não demorou muito. Quando os braços dela começaram a cansar, Alarak venceu suas defesas e enfiou a lâmina em seu torso com um só golpe. Ela não pediu misericórdia nem deu sinais de dor. A luz em suas lâminas e em seus olhos se extinguiu na mesma hora. Alarak não comemorou. Simplesmente a deixou escorregar para o chão, já sem vida.

E agora era o Senhor Supremo Ma'lash quem estava sem aliados. Ele não podia com a união dos poderes de Nuroka e Alarak.

Nuroka golpeou o Senhor Supremo com rajadas de energia, empurrando o líder dos Tal'darim na direção da morte. — Você sabia, não sabia? — perguntou Nuroka. — Você sabia da traição de Amon. Você sabia que Ele quer que nós todos morramos.

Ma'lash não respondeu. Ele ergueu barreiras de energia contra Nuroka, mas elas foram estilhaçadas assim que se formaram. Passo a passo, ele foi empurrado em direção ao fosso oriental.

O campo de provas era imenso. Mais de meia hora se passou até o Senhor Supremo chegar à beira do fosso. Alarak acompanhou Nuroka e Ma'lash por todo o caminho, olhos sempre fixos nos espectadores para ver se alguém seguiria o seu exemplo e entraria na luta de repente. Ficou de olho especialmente em Ji'nara. Ela ainda estava sentada.

— Alarak, seu traidor — grunhiu o Senhor Supremo Ma'lash. — Você não sabe o que Nuroka planeja para nós. Ele trairá Amon. — Ma'lash firmou os pés na beira do fosso oriental. Sua morte se abria para ele, imensurável.

— Amon nos traiu primeiro! — urrou Nuroka, começando a reunir poder para o golpe final. — Sob minha tutela — disse ele, jubiloso —, nós estaremos livres de Amon. Nós nos uniremos contra Ele. Nós...

Alarak não dissera uma palavra desde que entrara na luta. Aquilo fora uma escolha deliberada. Então ele tomou outra decisão.

— Eu declaro lealdade a Ma'lash — disse ele, e retirou seu poder de Nuroka.

O último golpe psiônico do Primeiro Ascendente se esvaiu no ar. Alarak abriu seu poder calmamente para Ma'lash e o Senhor Supremo o aceitou sem hesitar. Em seguida, ele desferiu um golpe psiônico tão forte que Nuroka foi repellido oito passos para trás.

— *O quê?! —* rugiu Nuroka, enquanto o Senhor Supremo se afastava da beira do fosso. —
Você não pode mudar de lado no meio do *Rak'Shir!*

— É verdade — concordou Alarak. Aquela era realmente uma lei de Amon: "Uma vez declarada, a lealdade só será rompida com a morte ou a vitória." — Mas eu nunca declarei minha lealdade a você. Eu não disse nada. — Ninguém jamais lutara no *Rak'Shir* sem declarar sua lealdade, mas aquilo *não era* lei. Era apenas um costume. Por isso, Alarak o ignorara. — E, agora que eu me declarei...

— Ele não pode mais mudar — disse Ma'lash, com júbilo sinistro. — Ele tem que me servir até o fim.

— Não — sussurrou Nuroka. — Você nos condenou a todos.

— Senhor Supremo Ma'lash — disse Alarak. — Os planos de Amon estão muito perto de se concretizar. Nuroka iria estragar tudo.

— *Não!* — gritou Nuroka.

— Sim, estragaria sim. Foi uma escolha sábia, Alarak — disse o Senhor Supremo. — Eu vou gostar disso.

E gostou mesmo. O sol se punha quando Nuroka foi erguido sob o fosso, com a mente e o corpo dilacerados. Ma'lash o manteve erguido por algum tempo, saboreando seus instantes finais.

— Ele sabe, Alarak — sussurrou Nuroka. — O Senhor Supremo Ma'lash *sabe* da traição de Amon. Eu juro.

— Jure quanto quiser — disse Alarak. Nuroka havia abalado suas convicções, era verdade. Alarak ainda sentia a pequena semente de dúvida fermentando nos firmes alicerces de sua fé. "Mas eu não permitirei que ela cresça", pensou ele. Amon era o Deus Sombrio. Sua vontade era incognoscível. Seu poder era glorioso. Suas promessas eram verdadeiras. Alarak teria que proteger os pensamentos com cuidado de outras incertezas.

O seu próprio caminho era claro. Hoje Alarak subiria bem alto na Hierarquia sagrada, e logo o ciclo acabaria, as marionetes cairiam por terra e ele ascenderia à glória de Amon.

A luz fenecia no horizonte quando Ma'lash finalmente soltou o pescoço de Nuroka. A gravidade fez o resto. Pedacos das vestes rasgadas e ensanguentadas do Primeiro Ascendente caíram atrás dele.

Assim terminou o *Rak'Shir*.

Parte cinco

— Você é inteligente — disse o Senhor Supremo Ma'lash. — Servos inteligentes me irritam. Agora me sinto tentado a matar você. Amon não se importaria nem um pouco.

Alarak permaneceu ajoelhado sem dizer nada. Não haveria outra cerimônia além dessa. Não havia necessidade. Àquela altura, todos os Tal'darim já sabiam como o desafio de Nuroka tinha terminado. Ma'lash prevalecera. Seu aliado, Alarak, influenciara o equilíbrio e avançara três degraus na Hierarquia sagrada.

"As ameaças do Senhor Supremo não significam nada", pensou Alarak. Muitos ascendentes tinham morrido em um só dia para que mais um se perdesse. Nenhum poderio militar, nem mesmo os Tal'darim, podia funcionar sem subordinados habilidosos o suficiente para cumprir ordens.

Ma'lash continuou. — Diga-me, Primeiro Ascendente. Você quer governar algum dia? Você deseja chegar a Senhor Supremo?

— Não.

Era claro que Ma'lash não acreditava nele. — Você não quer nada além de me servir, e servir a Amon? Que reconfortante.

— No Dia da Ascensão, vamos nos erguer acima de nossos mestres, Senhor Supremo — disse Alarak.

— Então Nuroka não compartilhava da sua fé?

— Como ele poderia? — respondeu Alarak, calmamente.

— Tudo o que ele disse era mentira, claro — comentou Malash.

— Sem dúvida.

O Senhor Supremo não gostou daquele tom. — Saiba de uma coisa, Alarak. Eu senti todo o seu poder nos Fossos da Ascensão. Eu sei a extensão da sua força. — A mão do Senhor Supremo arremeteu rapidamente e agarrou o rosto de Alarak, apertando forte logo abaixo dos olhos. Ma'lash ergueu Alarak, segurando-o como havia segurado Nuroka sobre o fosso.

Alarak não resistiu. As palavras de Ma'lash saíram com a força de uma chuva de meteoros.

— Se você me desafiar, eu vou esmagar você. Vou fazer você implorar por uma morte rápida como a de Nuroka. Entendeu?

— Entendi.

— Ótimo. — Ma'lash soltou Alarak, que desabou no chão. — Você será recompensado no Dia da Ascensão. Seus novos deveres começam amanhã. Eles não serão nada agradáveis.

— Eu entendo, Mestre — disse Alarak.

E então Ma'lash sumiu. Alarak ainda sentia a pressão do Senhor Supremo no crânio. "Agora eu senti o poder dele. Sei exatamente o que eu preciso fazer", pensou.

"Servir... e me preparar..."

"... e procurar os campeões certos..."